

O MONSTRO

BELLA LAGOEIRO



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Talita Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L177m LAGOEIRO, Bella.
O monstro / Bella Lagoeiro –
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2021.
124 p.: 21 cm.
ISBN: 978-65-5862-116-4
1. Romance I. Título.

CDD B869.3

Índice sistemático:
1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Qual é a diferença de uma pessoa para um monstro? A linha que as separa é assim marcada? É fácil distinguir? Um monstro é algo anormal, repulsivo, uma aberração. É o que assusta, machuca, não tem escrúpulos. Mas uma pessoa pode ser também um monstro. Se o monstro é tudo o que é diferente, tudo o que choca, que vai contra os princípios da sociedade em que vivemos, todos nós, em alguma altura da vida, já fomos monstros. Ou ainda vamos ser.

O monstro não tem uma aparência fixa e consolidada. Pode nos surpreender. Nem sempre é o feio, o fora dos padrões. Muitas vezes, esconde-se por detrás de uma máscara de beleza e bondade. O monstro mais assustador é aquele que se esconde muito bem, pois ele pode estar em todos os lugares.

Alguns monstros esperam uma vida inteira para terem seu momento, aquele em que tiram suas máscaras. Eles vivem escondidos na escuridão, seja física, seja a de suas próprias almas. E quando encontram o momento certo, finalmente extravasam e mostram quem realmente são. Sua excentricidade, sua loucura que ninguém jamais aceitaria... Mas muitos são forçados a aceitar. Porque, se eles não são aceitos por bem, têm de ser aceitos por mal.

Não se trata de se tornar monstro, mas de ser. Uma pessoa nasce monstro; o é por natureza. Ser monstro está na condição humana. Talvez, mesmo, todos os homens sejam monstros.

GIORGIO

CAPÍTULO 1

Não diga à mamãe

O pântano sempre teve um cheiro muito particular. Suas águas escuras, espessas e lamacentas escondiam a profundidade: em alguns pontos chegavam até os joelhos; em outros, podiam cobrir um corpo inteiro. Caminhar sobre as águas era sempre uma mistura de sensações que estimulava, principalmente, o tato. As plantas submersas, que se embolavam nas pernas do visitante e pareciam puxarem-no para o fundo; a lama, que fazia com que seus pés se afundassem e os envolvia num toque pegajoso e frio; as pedrinhas, muitas vezes misturadas aos mais inusitados objetos que jaziam no fundo do pântano, e que eventualmente se chocavam contra suas coxas e causavam espanto. Mais espantoso era descobrir que todo tipo de coisa era jogada ali.

Explorar o pântano era como explorar um território cheio de tesouros. E o cheiro... Ah, o cheiro! Tão único. Tão inconfundível. De certa forma, inesquecível. Mas bom, não. Nunca era bom.

Poucos metros adiante do pântano havia uma casa grande e antiga de madeira. Já não se faziam mais casas como aquela.

Seus materiais, sua arquitetura, até mesmo a localização... Para muitos, antiquado. Para outros, clássico.

As janelas eram grandes e baixas. O acesso à varanda da frente se dava por uma escadinha com degraus largos e um corrimão de madeira esculpido com arabescos. Na varanda havia uma única cadeira de balanço, também de madeira, que se sacudia com o mais breve sopro de vento. A porta da frente era mais larga e alta que as outras da casa; tinha também um olho mágico e uma pequena abertura para correspondências. Um segundo andar se erguia imponente, e uma única janela bem próxima ao telhado denunciava a presença de um sótão. Nenhuma das janelas possuía vidro. Durante o dia, ficavam completamente abertas e a privacidade devia ser uma das menores preocupações de quem quer que vivesse ali.

Isso porque aquela era a única casa nos arredores. Embora fosse grande, com dois andares e uma bela varanda, e portas e janelas esculpidas delicadamente na madeira mais resistente, e inegavelmente bonita, era isolada e muito próxima ao pântano. Ninguém queria viver ao redor do pântano. Não só porque fedia ou porque dificultava a passagem, mas porque era uma paisagem naturalmente selvagem, e por isso agressiva à presença humana. Uma grande diversidade de animais vivia naquelas águas e circulava ao seu redor. Quando chovia, o que acontecia praticamente todos os dias, tornava-se ainda mais difícil cruzar suas águas e o cheiro ficava mais forte.

A varanda ficava sempre com marcas de lama. Devia dar trabalho ter de limpá-la sempre que um novo visitante

chegava. Mas aquela também não era uma preocupação, já que dificilmente recebiam visitas.

O pântano era uma região isolada. A cidade mais próxima ficava há pelo menos uma hora de carro pelas estradas, mas considerando o tempo levado para atravessar suas águas e as matas na proximidade, a civilização estava ainda mais distante. Era também impossível viver tão isoladamente sem o básico para sobreviver, quando a cidade mais próxima era tão distante.

Por isso, não muito longe da casa, outras construções se erguiam. Uma espécie de celeiro, e casinhas que se assemelhavam a galinheiros. Qual animal poderia viver ali?

Passava das três da tarde. Ainda não tinha chovido naquele dia, mas a chuva viria mais cedo ou mais tarde. Nem mesmo ela atenuava aquele clima quente, que fazia com que eles deixassem todas as janelas escancaradas, sem se preocupar com a entrada de todos os tipos de bichos que circundavam a casa.

Embora o ambiente fosse de uma quietude inquietante, dentro das paredes fortes e grossas ouvia-se apenas o caos. Gritos muito altos, fortes, desesperados. Tão grotescos que era difícil saber se pertenciam a um homem ou a uma mulher; talvez a nenhum dos dois. Junto a eles sons fortes de pancadas.

Afonso era o líder daquela família. Era jovem; estava na faixa dos quarenta e poucos, mas a aparência demonstrava mais idade do que realmente possuía. Os cabelos castanhos não eram cortados há meses; aliás, ninguém naquela casa cortava os cabelos ou tinha os mesmos hábitos de higiene que

as outras famílias da época. Estavam também ensebados de oleosidade, já que ele os lavava com pouca frequência. A falta de cuidados era marca registrada do homem; não por causa da vida simples que levavam, sem os luxos da cidade, mas por puro descuido. Descuido esse que provinha do fato de estar quase sempre embriagado demais para fazer qualquer coisa.

O corpo era forte, mas a barriga protuberante denunciava as falhas em sua forma física. O rosto era jovem, apesar de linhas de expressão muito marcadas. O que mais demonstrava idade e decadência eram os dentes amarelados; alguns deles chegavam a ser podres. Afonso não só bebia, como também fumava muito. Aos trinta anos, já não tinha mais todos os dentes na boca.

Os olhos eram castanhos, quase amarelados. Passou a mão pelos cabelos; hábito que os deixava ainda mais oleosos. Um cigarro de palha pendia de seus lábios, enquanto ele pisava com mais força no alçapão abaixo de suas botas lamacentas. A portinha de madeira tremia com os golpes fortes. Alguns deles eram tão potentes que Afonso chegava a senti-los nos pés e cambaleava, tentando manter o equilíbrio.

Sua expressão era devastada. O que quer que estivesse ali embaixo não só o incomodava, o que ele deixava transparecer pelas passadas de mão pelos cabelos, como também o assustava profundamente. Estava pálido, com olheiras profundas e a cada golpe novo parecia perder mais a cor. Não havia dúvidas do que transbordava de seu olhar: medo.

Os gritos não cessavam. Ouvi-los fazia com que Afonso tivesse mais certeza de que aquilo não podia ser gente. Como

SITE: bellalagoeiro.blogspot.com

FACEBOOK: Bella Lagoeiro

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2021.
